



ARTE, RELIGIÃO E TRADIÇÃO:

COMEMORAÇÃO DO SÃO JOÃO NA CULTURA BRASILEIRA

BEATRIZ NICOLLE MELO DOS SANTOS

RESUMO

A Festa Junina é uma forte representação cultural brasileira, principalmente na região Nordeste do Brasil. Desde a versão europeia até sua chegada na realidade brasileira a festa sofreu diversas transformações, sua apropriação por parte da Igreja Católica e a mudança em relação ao caráter da festa, antes relacionado ao paganismo, para o divino. A adaptação ao longo dos séculos criou uma identidade cultural e regional expressando, com dança, música, histórias cotidianas, lendas e religiosidade, facetas da sociedade rural tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: Festa Junina, Igreja Católica, Quadrilha, Atualidade, Tradicionalidade

ABSTRACT

The Festa Junina is a strong Brazilian cultural representation, especially in the Northeast region of Brazil. From European origins to arrival in Brazilian reality, the festival underwent several transformations, including an appropriation by the Catholic Church and the shift in the nature of the celebration, which was previously related to paganism, for the divine. The adaptation over the centuries has created a cultural and regional identity expressing, through dance, music, everyday stories, legends, and religiosity, facets of traditional rural society.

KEYWORDS: Festa Junina, Catholic Church, Quadrilha, Present time, Traditionality



Introdução

Para além das camisas em tecido xadrez, bandeiras coloridas e balões, a Festa Junina, ou Festa de São João, é um período que carrega forte tradição e uma representação da cultura desenvolvida no Brasil a partir do que foi trazido na época da colonização portuguesa.

Em sua origem, a Festa Junina, era época de comemoração e agradecimento pela colheita e culto ao sol e ao fogo, celebrada no mês de junho quando acontece o solstício de verão no hemisfério norte. Como escrevem Bruna Franco Castelo Branco Carvalho e Claudiene dos Santos Costa:

É nessa parte, correspondente ao hemisfério norte, que acontece um fenômeno durante o mês de junho, conhecido por “solstício de verão”, em que, marcada-mente entre os dias 21 e 23, por volta do meio-dia, o sol alcança sua maior altura no céu; tornando-se, conseqüentemente, o dia mais longo de todo o ano e também a noite mais curta. (CARVALHO e COSTA. 2022. p. 74.)

Ao longo do tempo a festividade se espalhou pela Europa e foi apropriado pela Igreja Católica, que atribuiu elementos religiosos para que fosse convidativo para atrair mais fiéis ao se distanciar de sua origem pagã.

A festa foi trazida para o Brasil ainda no período colonial pelos portugueses, já com elementos do catolicismo, no século XVI. À medida que mais portugueses iam desembarcando no território e se estabelecendo, a festa ganhou mais notoriedade com a vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808. A festa atualmente é uma expressão de tradicionalidade, cultura e arte, principalmente na região Nordeste do Brasil, e, junto ao Carnaval, é uma das maiores comemorações do ano no país, representando principalmente o morador das áreas rurais do país, atrelada a figura do matuto. Rita Amaral apontou em sua tese que

Acredita-se que estas festas têm origens no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 ou 23 de junho), vésperas do início das colheitas. No hemisfério sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno (noite mais longa do ano). Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, e trazido pela igreja católica ao Novo Mundo. A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a elas se mesclaram na Europa. (AMARAL. 1998. p. 159)

Acender fogueiras para celebrar santos católicos, cozinhar comidas feitas de milho e



enfeitar as casas com balões, além de assistir apresentações de quadrilha, são algumas das atividades tradicionais que marcam essa época do ano. Escolas promovem festas temáticas de São João. As vestimentas são constantemente associadas a roupas xadrez, retalhos, vestidos com babados e bastante cor, fazendo alusão a vida do tradicional ‘matuto’ que representa o habitante da área rural, onde são constantemente retratados em em Quadrilhas Juninas, por exemplo.

Sincretismo Católico

O sincretismo feito pela igreja católica ao se apropriar da festa se caracteriza principalmente pela implementação dos santos como parte crucial da comemoração.

Santo Antônio, São João e São Pedro são santos venerados pelo catolicismo oficial a partir de ritos litúrgicos formais e festejados pelo catolicismo popular através de práticas criadas e reinventadas pelo povo ao longo do tempo. São João é o único Santo do calendário católico brasileiro que é festejado na data de seu nascimento. Em torno dos festejos religiosos e populares de São João, que representa o clímax do ciclo junino, existe uma miríade de lendas, superstições, misticismo e simpatias, que se mesclam com práticas ligadas ao sagrado, ao profano e ao mítico, em uma atmosfera sincrética em que os elementos da natureza são essenciais. Nesse contexto, no qual o sagrado, o profano e o mítico se interpenetram e se mesclam, as festas juninas são reinventadas ludicamente nas casas, nas ruas, na dimensão comunitária, com grupos de amigos e em família. (CASTRO. 2012. p. 118)

A Igreja Católica adicionou na festa elementos da religião, como a comemoração de Santo Antônio (13 de junho), São João Batista (24 de junho) e São Pedro (29 de junho). Mantendo as datas de comemoração do solstício de verão, na véspera do 24 de junho e trazendo um tom religioso para a comemoração e o que antes era por diversão e agradecimento à natureza, agora é direcionado ao divino, “nesse período, internaliza-se que é tempo de agradecer e pedir bençãos; só que não mais à natureza, mas a Deus e aos santos desse mês: Santo Antônio, São João e São Pedro” (CARVALHO e COSTA. 2022. p.77). Em todo território em que a igreja católica exercia poder foi atribuída essa mudança nas comemorações.

A antropóloga Luciana Chianca (2007) em ‘Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos’ apontou que

Na verdade, o cristianismo ressignificou antigas práticas relativas ao fogo para criar uma festa sincrética. Considerando as fogueiras como sobrevivências do paganismo, a Igreja retomou a distância de seis meses entre os nascimentos de Jesus



Cristo e João Batista e instituiu a data de comemoração a este último de tal maneira que as festas do solstício de verão europeu com suas tradicionais fogueiras se tornaram “fogueiras de São João”. (CHIANCA. 2007. p. 59)

Assim como o Natal, que originalmente surgiu como uma comemoração pagã pelo solstício de inverno e foi apropriada pela Igreja, a comemoração junina seguiu pelo mesmo caminho.

Ainda neste nesse texto, a autora relata que em sua pesquisa de campo junto a uma quadrilha da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, que tinham membros com costumes religiosos e bastante devotos aos santos que, a fim de atrair a vitória em importantes campeonatos locais, faziam promessas a santos e quando a vitória acontecia teriam que pagar essas promessas.

O princípio de uma promessa exige do fiel um pagamento, manifestando um sacrifício pessoal que pode ser financeiro, mas que deve implicar em investimentos extraordinários para aquele que executa. Quando o dinheiro não está diretamente envolvido nessa troca, temos o corpo-domínio no qual se impõem penas e dores. A reza de um crucifixo completo de joelhos sobre os grãos de milho ou feijão era claramente majoritária entre os membros do grupo de quadrilha observado em 2001. Aqueles que não apreciavam o álcool por temerem seus efeitos e outros que não o consumiam costumeiramente beberam juntos a cachaça, alguns até a embriaguez outros pelo menos até a indisposição física. (CHIANCA. 2007. p. 70)

Ainda hoje em dia é comum encontrar grandes grupos de religiosos no qual fazem parte de quadrilhas, pagar a promessa é uma forma de agradecer aos santos e a Deus a vitória e não só para membros competidores de concursos de quadrilhas. Os santos acabam tendo papéis associados a eles que nem para qual as pessoas fazem promessas. Como o caso de Santo Antônio, conhecido por santo casamenteiro, algo comum entre fieis era pôr a figura do santo de cabeça para baixo num copo d'água até arranjar um pretendente.

São Pedro é comumente associado ao tempo e clima, conhecido em algumas aldeias rurais como santo das chuvas, bastante comemorado por moradores dessas áreas por ser o responsável pela época de chuva, já que acreditavam que ele controlava o tempo, e trazer fertilidade à terra.

Música, Dança e Quadrilhas Juninas

A presença dos elementos tradicionais do São João é marcante nas músicas, é bem comum ouvir canções sobre essa época do ano em que fogueiras, santos, milho e balões são



citados. Na letra da canção “Vamos pra fogueira” (2005), da banda de forró Mastruz Com Leite, é possível identificar alguns desses elementos característicos:

*Me dê a sua mão vamos 'pra fogueira
E nessa brincadeira acender a chama da nossa paixão
Vai ser alegria até amanhecer o dia
Chuvinha e balão ganhar seu coração é tudo que eu queria
'Taquei a faca no tronco da bananeira
'Pra ter você eu pulei tanta fogueira
Bacia d'água eu gostei da brincadeira
Meu amor, meu amor
'Taquei a faca no tronco da bananeira
'Pra ter você eu pulei tanta fogueira
Bacia d'água, eu gostei da brincadeira
Santo Antônio me ajudou*

Ao citar Santo Antônio, conhecido como santo casamenteiro, o eu-lírico da música apresenta outros elementos presentes na tradicional festa. O santo a teria ajudado a conseguir o seu amor e que ‘pulou muita fogueira’ para tê-lo, o ato de pular fogueira pode ser interpretado como uma forma de dizer que foram muitas festas até encontrar, ou conquistar, esse amor.

As Quadrilhas Juninas são uma expressão que junta dança, música e encenação para contar histórias com elementos rurais e tradicionais, envolvendo cultura local, relações sociais, desde a vida no cotidiano rural, relações familiares e amorosas, além de conflitos.

A música acaba se tornando um elemento extremamente importante para a concepção do espetáculo, ela ajuda a performance a tomar forma para que o público a acompanhe e destaca a história que a quadrilha quer contar. Hugo Menezes Neto afirma que

A música não é mais pano de fundo para a performance do matuto, torna-se um dispositivo para a conexão imediata com o público e com o cotidiano do próprio brincante. Quadrilheiros acessam xotes, xaxados e baiões, porém, o destaque é a inserção do ‘forró eletrônico’ ou ‘elétrico’ e de outros sucessos da rádio e da televisão. O forró elétrico foi um movimento de transformação do forró dos anos de 1990. (MENEZES NETO. 2015. p. 107)



Anualmente para as apresentações e competições, após a decisão do tema central começa a ser escrita a história para ser contada por parte das quadrilhas, para que comece a produção de coreografias, cenários, elementos teatrais e até mesmo produção de novas músicas e

A dinâmica de produção de uma quadrilha é um movimento cíclico. Os preparativos começam em meados agosto ou setembro com a escolha do tema do ano por parte da diretoria. Em seguida, a partir de outubro, iniciam-se os ensaios com todo o grupo, intensificados no começo do ano seguinte em encontros semanais, com vistas a cumprir um calendário de preparação até as primeiras semanas de junho, quando da estreia. (MENEZES NETO. 2015. p. 112)

Trazar músicas tradicionais e de conhecimento geral pode criar conexão com o público e também ‘cair nas graças’ de quem assiste por utilizar canções que a plateia já tem afeição, mas também utilizar músicas que até então não eram utilizadas ou criar suas próprias versões e produzir novos sons pode ajudar com que o espetáculo tenha a identidade da quadrilha.

Sabendo que o repertório musical de artistas emblemáticos do São João como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Dominguinhos é vasto, por vezes os quadrilheiros/projetistas ‘descobrem’ músicas ainda não utilizadas, juntando o tradicional e o inédito na mesma escolha. As músicas desses artistas cumprem o papel de ‘juninizar’ o espetáculo, sua presença na trilha sonora remete ao modelo tradicional das festas e das quadrilhas. (MENEZES NETO. 2015. p. 114)

Todo o ciclo junino dos quadrilheiros é muito mais do que apenas a apresentação ou a competição, eles separam uma parte de sua rotina para dedicar aos ensaios e preparação para a chegada do mês de junho e apresentar finalmente o que passaram nos últimos meses elaborando. A dedicação que investem enquanto estão emocionalmente envolvidos em toda a composição da apresentação de sua quadrilha, o sentimento de fazer parte se faz presente. Thiago Silva de Castro compartilha em seu texto “‘Ser quadrilheiro’: subjetividade e cultura afetiva no âmbito das quadrilhas juninas competitivas do interior cearense’ que

De todas as categorias acionadas pelo discurso dos quadrilheiros, a expressão “amor pelo São João” é provavelmente a mais comum, indicando o estabelecimento de um vínculo subjetivo com a manifestação que se incorpora às identidades pessoais não apenas a partir de uma experiência prática e objetiva, mas também sentimental. (SILVA DE CASTRO. 2022. p. 201)



E ainda completa com esse trecho que ilustra a força dos quadrilheiros em relação a persistência de continuar fazendo parte de sua quadrilha mesmo diante de todas as dificuldades e julgamentos:

Há, na experiência dos quadrilheiros, um elemento a ser evidenciado. Em geral, embora a quadrilha junina seja apreciada enquanto expressão artístico-cultural pelo público, que a assiste como “objeto contemplativo”, é possível percebermos que, em seu dia a dia, não raro ela é vista com preconceito. Por ser uma atividade que se arrasta por muitos meses, ao longo da preparação do espetáculo, e que exige um grande envolvimento sem que isso necessariamente traga algum tipo de retorno financeiro para os indivíduos isoladamente - outro traço valorizado na sociedade capitalista -, a experiência quadrilheira costuma não ser bem compreendida por muitos. (SILVA DE CASTRO. 2022. p. 202)

Como citado acima, o capitalismo preza por um imediatismo e individualismo que o ciclo junino das quadrilhas não é capaz de acompanhar, por ser um processo demorado e compartilhado que demanda um cuidado para ser concluído, além da festa ser comemorada uma vez por ano e ser pouco rentável para os quadrilheiros.

Silva de Castro também apresenta outro fator, de que as quadrilhas são formadas pelas populações periféricas, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, também acolhem pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ criando não só um ambiente que faz com que pessoas que, infelizmente, vivem à margem da sociedade sintam-se acolhidos e criando um espaço de pertencimento e de luta para essas pessoas. Para povos marginalizados é um desafio encontrar ambientes onde possam expressar quem são e as Quadrilhas também criam esse espaço, onde a periferia pode brilhar. A inclusão das quadrilhas é importante não só para a luta e protesto, mas também para a criação de ambientes acolhedores com outras pessoas que estão lá pelo mesmo “amor pelo São João”, pessoas unidas pelo propósito de dançar, amar e também pertencer.

Festas Juninas e a adaptação da tradição ao tempo

Com a transformação da Festa de São João em grandes festivais em algumas cidades do país principalmente no Nordeste, como em Caruaru e em Campina Grande que são famosas por atrair público de todo o país, “Sentem-se os efeitos de cada um desses aspectos nos modos de festejar das pessoas, em um cenário que já não é mais tão rural, nem tão intimamente ligado à natureza e tampouco profundamente religioso, como fora nos tempos de outrora” (CARVALHO e COSTA. 2022. p. 80.)



Com o passar dos anos não só as quadrilhas se modificaram, mas a festa toda se adaptou às mudanças trazidas com o tempo, mesmo com elementos que persistem em marcar presença no São João. As mudanças nos meios rurais e urbanos atingiram a concepção das pessoas com a festa.

Esse certo ar de ruralidade faz parte da realidade junina tanto europeia quanto brasileira. Assim, a composição do São João assimila esse imaginário bucólico de suas origens que aos poucos foi se perdendo com advento das indústrias, das cidades, da vida urbana, das decadências do poder eclesiástico e por aí adiante. Inicialmente, os eventos aconteciam de forma espontânea nas localidades, somente entre a gente local, depois avançou e foi ganhando espaço dentro de cidades maiores, nos seus bairros, praças e atingiu até clubes fechados para festejar internamente entre quem possuía condições de acesso. (CARVALHO e COSTA. 2022. p. 79)

É possível notar a mudança que as festas juninas sofreram e estão sofrendo com o passar dos anos, as festas parecem estar mais ligadas ao comercial do que qualquer outra coisa na atualidade, desde os grandes festivais, que sim são imensamente importantes para a economia local e responsáveis por gerar vagas de emprego, porém a nova era vem carregada de outros dilemas, como por exemplo a tradicionalidade dividindo espaço com tanta modernidade, um grande debate se instaurou entre forrozeiros e até mesmo entre o público pela preferência de muitos festivais em adicionar artistas que não cantam forró ou ritmos tradicionais em sua programação de apresentações, o que gerou críticas e debates sobre o quão aberto ao novo a festa é ou deve ser.

Assim como o Carnaval que foi se tornando um evento cada vez maior com grande apelo midiático com o passar dos anos, a Festa Junina foi se modificando não só atraindo cada vez mais e mais pessoas para a comemoração como se solidificando como um grande festival presente na cultura brasileira. O São João, tanto de Caruaru, em Pernambuco, quanto de Campina Grande, na Paraíba, arrasta milhares de foliões, por exemplo. Em 2024, o São João na cidade de Caruaru teve um balanço de cerca de 3,7 milhões de pessoas, segundo dados divulgados pela prefeitura e em Campina Grande cerca de 2,93 milhões de foliões aproveitaram a festa, afirma prefeitura.

Uma data que ganhou tom bastante comercial é o dia 12 de junho, véspera do dia de Santo Antônio, data que se comemora o dia dos namorados no Brasil, data escolhida justamente por anteceder o dia do santo casamenteiro.



A festa movimentava a vida de todos que participam dela, seja como folião, comerciante, artista, quadrilheiro, etc. Todos acabam sendo atingidos, mesmo que não como antigamente, os tempos mudam e essas mudanças impactam costumes, tradições e até o próprio cotidiano.

Considerações Finais

O tempo foi crucial para influenciar os rumos que a festividade tomou ao se tornar parte da cultura brasileira, o tempo junto com todas as modificações desde seu surgimento até a chegada até solo brasileiro. Ao longo de sua história o país passou por muito até chegar na atualidade, muito que se perdeu e muito que se ganhou, o que se desenvolveu a partir da cultura dos povos que já o habitavam antes mesmo de se chamar Brasil, vale lembrar que toda história muito além da Festa Junina tem muito do folclore, muitas histórias e lendas que são contadas também por meio das quadrilhas e músicas de São João.

A musicalidade marcante e suas inúmeras canções temáticas, contando histórias de conflitos ou casamentos, amores conquistados ou perdidos, fogueira e balão. Até do milho muito se fala, munguzá, canjica e pamonha, até nomes diferentes para cada região essas comidas tem, a festa tem sua pluralidade em lugar tão grande quanto o Brasil.

A religião que foi implementada para fugir de sua origem pagã. Para quem é religioso e acende sua fogueira nos dias de cada santo e agradece, promete algo ou paga alguma promessa. E até quem não é religioso comemora, não para celebrar os santos, mas para celebrar a cultura e isso já é motivo suficiente.

O quadrilheiro que espera o mês de junho todos os anos para viver o seu amor pela quadrilha e viver o momento que esperou e se dedicou tanto para estar. Que em épocas que não é o São João sabe que vai ter sua paixão questionada e descredibilizada, até porque não é fácil viver com e pela arte. E no final ele sabe que valeu esperar por isso, que pode ver a plateia animada com sua quadrilha e não tinha lugar melhor pra estar. O comerciante que espera o festival começar e que espera fazer um ótimo negócio com o grande público que a festa traz consigo.

A festa junina é uma comemoração que deixou de ser o que era originalmente para se tornar um produto da Igreja e impressiona que atualmente está cada vez mais afastada dos ritos religiosos de modo geral, por mais que a influência religiosa ainda seja muito forte, a festa deixou de ser tão caracterizada pela comemoração dos santos, tanto que há muitas pessoas que comemoram o São João e nem são religiosas, porque a festa se tornou algo que não é limitado apenas a igreja, a religião tem sim papel muito grande na



construção da festa no Brasil, porém não é a única parte dessa representação da cultura de um povo, a Festa Junina se tornou parte da identidade cultural do país.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. Festa à brasileira: significados do festejar, no país que não é sério. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

CARVALHO, Bruna Franco Castelo Branco; COSTA, Claudiene dos Santos. Festas de São João: Das Origens à Atualidade. In: RIBEIRO, Rita; ARAÚJO, Emília; SILVA, Márcia; FERNANDES, Alberto (ed.). Festividades, Culturas e Comunidades: Patrimônio e Sustentabilidade. Braga: UMinho Editora, 2022. p. 73-83. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/68857>. Acesso em: 13 fev. 2025.

CASTRO, JRB. As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 113-126. ISBN 978-85-232-1238-4. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8pk8p/07>. Acesso em: 13 fev. 2025.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 11, volume 18(2):49-74, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23701>. Acesso em 13 fev 2025.

MENEZES NETO, Hugo. Música e Festa na Perspectiva das Quadrilhas Juninas de Recife. Revista ANTHROPOLOGICAS. Ano 19, 26(1):103-133, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23907/0>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SILVA DE CASTRO, T. (2023). "Ser quadrilheiro": subjetividade e cultura afetiva no âmbito das quadrilhas juninas competitivas do interior cearense. Revista De Ciências Sociais, 54(1), 187-214. <https://doi.org/10.36517/rcs.54.1.a03>. Acesso em: 13 fev. 2025

VAMOS pra Fogueira. Intérprete: Mastruz com leite. Compositor: Cláudio Mello, Didi Barros, Ferreira Filho. In: Oficial de São João. Intérprete: Mastruz com Leite. Discogs, 2005. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/08mgKjaYobGvMX7NO5TsLE?si=9ee2a7a7cf6040a4>. Acesso em: 19 fev. 2025.